

## MÃOS NA PASSAGEM

Carolina Dias Cunha Casão



Diferente da escrita dos livros teóricos que, na maioria das vezes tenta direcionar o pensamento do leitor para uma interpretação, a fotografia como uma linguagem visual possibilita várias perspectivas a seu respeito

Como analisar a fotografia? Como traduzir a linguagem visual? Ora, a própria experiência visual fornecerá ou é a relação entre os símbolos expressos que eu pude identificar na foto com os conhecimentos que constroem o meu ser.

Luciano Bitelli conseguiu fazer a sua fotografia simbolizar um ritual coletivo, quase que totalmente. Digo "quase que totalmente", porque, como não vi o lugar onde a foto foi tirada, apenas imagino que muitas coisas mais estavam acontecendo naquele momento. Apesar de acompanhada de um texto, a imagem por si só possibilitou minha interpretação.

O fotógrafo, focalizando as mãos sem pintura, a cabeça quase careca e o par de mãos negras pintadas de preto, com unhas cor da pele tampando o rosto, conseguiu recortar símbolos que remetem a uma situação extremamente coletiva. A foto conseguiu ir além dos Tikuna, tocando uma parte da cosmologia geral dos povos ameríndios. Os índios que compõem uma população possuem entre eles tamanha identidade que, diferente dos homens que vivem no mundo capitalista, que têm uma noção de pessoa individualizada, eles possuem uma noção de pessoa coletiva. Na foto, podemos perceber seis mãos, quatro no plano da frente e duas mais para o fundo. Estas mãos passam a impressão de estarem em movimentos organizados, dando a sensação das pessoas da fotografia e da comunidade (já que esta fotografia simboliza o coletivo, a sociedade Tikuna) estarem envolvidas não só em sua práxis, como em toda a sua teoria de mundo.

Todas as pessoas simbolizadas pelas mãos sem pintura diferem na foto da menina Tikuna, que está sendo iniciada. Estas mãos estão dispostas na parte superior da fotografia, todas em cima da cabeça da menina, e dispostas de uma maneira em que não dá para se ver as unhas nem as palmas das mãos dessas pessoas. As duas mãos da menina também estão focalizadas na foto. Seus braços e mais acentuadamente suas mãos estão negras, provavelmente de jenipapo. A posição da mão da menina na foto também marca um contraste com a posição das demais. Todas estas diferenças explicitadas na foto querem demonstrar que as pessoas que estão sem pintura nas mãos pertencem a uma categoria social diferente da menina pintada de preto e vestida com adornos plumários.

Através do texto, percebemos que as mãos sem jenipapo estão arrancando os cabelos da menina Tikuna num ritual de iniciação feminina. A posição acima da cabeça e as veias ressaltadas e poderosas das mãos sem pintura demonstram uma superioridade destas pessoas para com a menina que está passando por uma dor física. A dor é demonstrada pela cabeça já quase sem cabelos e que está suando, como também e principalmente pelas mãos negras da menina que estão tampando seu próprio rosto.

Em seu livro: "A Sociedade Contra O Estado", no capítulo: "Da Tortura Nas Sociedades Primitivas". Pierre Clastres fala que os iniciados devem ser

torturados nos rituais de passagem a fim de demonstrarem que merecem fazer parte do grupo, no qual todos são iguais e têm os mesmos direitos. Para conseguir uma identidade completa com sua tribo, a jovem tem que passar pela dor. A mão pintada de jenipapo está provavelmente escondendo a feição de dor da garota, pois, segundo Clastres, nestas sociedades, passar pelo ritual sem demonstrar a dor demonstraria a coragem do iniciado e a esta atitude é atribuído honra.

No meu ponto de vista, as unhas da menina Tikuna, as quais são da mesma cor das mãos que estão acima de sua cabeça propõem um elo entre a jovem e os adultos, que são diferentes, mas tornar-se-ão iguais. No segundo plano, a foto refere-se à cultura material do povo Tikuna, através dos adornos plumários e das pinturas da menina Tikuna. O amarelo é a cor que mais está ressaltada nos adornos que estão mal focalizados. Talvez esta cor esteja relacionada com a cor da pele e das unhas, pois como analisei acima, seria um elo entre a jovem e os adultos. O amarelo pode estar enfatizando o ritual de passagem.

Ainda de acordo com Pierre Clastres, as sociedades sem escrita são sociedades sem Estado. Estas sociedades lembram o sistema anarquista, porém elas existem e persistem em existir, mesmo com os entraves impostos pelos homens brancos. Apesar de possuírem chefes, estes não são autoritários e por isso são respeitados. A cabeça com cabelos arrancados expõe na fotografia um símbolo da sociedade Tikuna: "La crescita dei nuovi capelli dell'iniziata, è simbolo della nuova vita di donna". Esta cabeça careca na foto e na vida real e o crescimento do cabelo na vida real são marcas que substituem a lei escrita para demonstrar que o iniciado pertence ao mundo dos adultos. Mais eficiente que os papéis, as marcas demonstram a identidade e a igualdade entre o grupo.

O que me chama a atenção na fotografia é o seu forte conteúdo simbólico enfatizado pela sua composição, ângulo de tomada, gestualidades assim como pela sua luz. A foto é uma prova que a antropologia não está restrita às palavras.